

ÓRGÃO DAS ACTIVIDADES CIRCUM-ESCOLARES DA ESCOLA PREPARATÓRIA NEUTEL DE ABREU DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Professores Orientadores

MARIA EDITE M. BARREIROS ANTUNES
P. ADRIANO SIMÕES SANTO
MÁRIO DA COSTA ARMELIM

DIRECTOR: MANUEL MARTINS DA SILVA

CHEFE DA REDACÇÃO: MARIA AZÉLIA SIMÕES DAVID

ADMINISTRADORES: JOSÉ COELHO DA SILVA, MARIA MARGARIDA HERDADE
SANTOS LUCAS

ANO II

N.º 3

DEZEMBRO DE 1970

Comp. e Impr. na «Gráfica de Coimbra»

NATAL!...

É Natal! Os sinos repicam e os nossos corações repicam ao compasso desses sinos.

Mais uma vez se celebra o nascimento de Deus Menino e mais uma vez nós sentimos na nossa alma essa doce realidade.

É, então, que se esquecem todos os rancores e inimizades para todos se reunirem na mesma devoção.

Se há guerras, fazem-se tréguas; se há ódios, esquecem-se, para todos viverem plenamente esse dia tão adorado e feliz em que o Filho de Deus se fez homem, para tentar chegar aos corações dos pecadores. Por isso, todos nós, os bons cristãos, devemos pensar bem no grande milagre e tentar ajudar todos os pobrezinhos e desamparados, para que nesse dia possam crer que há um Deus que os guarda.

É isto o Natal!

MANUEL MARTINS DA SILVA
(2.º Ano-D)

Noite de Natal

Foi numa noite fria, numa gruta de Belém, que nasceu o Deus-Menino. À meia-noite do dia 24 de Dezembro, os anjos do Senhor anunciaram aos pastores que o Salvador tinha nascido. O Redentor que Deus prometeu aos homens tinha nascido!

Toda a gente de Belém correu à gruta, onde nascera Aquele que vinha salvar a Humanidade. Até os simples pastores, que desceram a serra coberta de neve, O vieram adorar!

Uma mensagem chegou ao castelo dos três bons reis do Oriente, que logo se puseram a caminho.

Enfim, a salvação dos homens tinha chegado à Terra.

Vivia, na Judeia, um rei terrível e invejoso que queria ser o senhor do Mundo. Era o rei Herodes. Mal ouviu falar que tinha nascido Alguém que havia de ser rei da Terra, logo sentiu um profundo ódio, que o levou a sacrificar muitas crianças de Belém. Pretendia matar Aquele que lhe tiraria o poder. Herodes não compreendia a grandiosidade do Mistério: enquanto ele possuía soldados e armas potentes, Deus dispunha de anjos e santos e venceria pela bondade e caridade o cruel rei da Judeia.

Fernando Mel dos Santos Lopes
(1.º Ano-B)

O Natal na nossa terra

Em colaboração com a Casa do Povo local e com a Escola S. Municipal, a nossa Escola esteve presente em várias manifestações de carácter cultural e recreativo, relacionadas com a quadra natalícia.

Assim, na tarde de 13 de Dezembro, pelas 15 horas, realizou-se, no Ginásio, uma interessante Tarde Infantil.

A primeira parte do espectáculo foi preenchida exclusivamente pelos alunos da Escola Preparatória de Neutel de Abreu.

O programa constou do seguinte: Cânticos do Natal, Auto de Natal e Danças Regionais.

Primeiro de Dezembro

A Nação comemora neste dia acontecimentos que ocorreram há trezentos e trinta anos. Apesar da distância no tempo, não desapareceram as causas que levam Portugal a celebrar esta data. A realidade histórica presente é bem diferente da de então, mas os sentimentos que inspiraram os Portugueses de 1640, são os mesmos que animam os Portugueses de agora. Assim, também na nossa Escola comemorámos com entusiasmo esta data.

Professores e alunos reuniram-se por volta das 9 horas e dirigiram-se à Avenida dos Heróis do Ultramar, onde colocaram uma coroa de flores junto da placa dedicada aos Heróis Nacionais.

Depois de um minuto de silêncio seguiram para a igreja do Convento, onde o sr. Padre Adriano celebrou missa pela memória de todos os portugueses que morreram, lutando pela Pátria.

Regressaram à Escola, onde a sr.ª Dr.ª Marcelina deu início a uma pequena sessão. O grupo coral entoou, então, o Hino da Restauração e o Hino Nacional. Depois da palestra proferida pelo sr. Professor Violante e de alguns recitativos alusivos ao Primeiro de Dezembro, o sr. Presidente da Câmara Dr. Henrique de Lacerda, encerrou a sessão.

UM DO 2.º-A



Linóleo
por um aluno
da Escola
Preparatória

Pela Escola Preparatória

Visitante ilustre

No dia 7 de Novembro último, Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas, Eng. Rui Sanches, aproveitando uma curta estadia nesta Vila, dignou-se visitar a nossa Escola, na companhia do Senhor Governador Civil de Leiria, do Presidente da Câmara e outras autoridades.

Os alunos e professores tributaram-lhe carinhosa recepção. Das janelas das várias salas de aula «choveram» papelinhos de cor, manifestação da alegria de todos por tão honrosa visita.

Sua Excelência agradeceu, ao professor-secretário da nossa Escola, Prof. Mário Armelino, que representava a nossa Directora, ausente em serviço oficial, na Escola Preparatória Dr. João de Barros, da Figueira da Foz, o carinhoso acolhimento.

Cinema

No Ginásio da E. S. da Câmara Municipal, onde funciona provisoriamente a nossa Escola, realizou-se, no passado dia 3 de Dezembro, pelas 21 horas, uma sessão cinematográfica destinada, essencialmente, aos alunos deste estabelecimento de ensino.

O Ginásio estava totalmente cheio. Além dos alunos, assistiram muitos professores, incluindo a nossa ilustre Directora, e muitos pais e encarregados de educação.

O programa constou da exibição dos seguintes filmes: «Açores e a Alma do seu Povo», «S. Tomé e Príncipe», «Portugueses no Mundo» e «Algarve d'Além-Mar».

Foi mais uma iniciativa da Secção Cultural do nosso Centro de Actividades Circum-Escolares.

Magusto

na Cabeça do Peão

No dia 14 de Novembro, tivemos, à tarde, o nosso magusto.

Algumas meninas e meninos levaram castanhas, bolos e alguns rapazes o garrafão de água-pé. Ao fim de caminharmos um bocado, chegámos a um sítio, que se chama Cabeço do Peão. Quando cheguei, admirei a paisagem, que se avistava ao longe. Depois, alguns rapazes e meninas foram buscar caruma. Quando a fogueira estava com uma chama muito grande, alguns rapazes começaram a saltar, entre eles, o meu irmão que se queimou nas pontas do cabelo. No magusto, só comi quatro castanhas. O resto do tempo foi para «enfuscar». O magusto acabou e voltámos a casa com a mesma alegria com que fomos.

PAULA LIMA
(2.º Ano-A)

Tarde infantil

Depois de alguns dias de ensaios, realizou-se no ginásio da Escola Secundária uma festa em colaboração com a Casa da Criança. Esta tarde infantil iniciou-se com a actuação do nosso grupo coral que entoou algumas canções alusivas ao Natal.

Assistimos depois a uma peça de teatro intitulada «Os sonhos da Lili».

Os pequeninos da Casa da Criança também estiveram no palco e entusiasmaram o público.

As danças regionais do Mirho e da Nazaré estiveram presentes para agrado de quantos apreciavam o nosso folclore.

Depois de um número de ginástica rítmica, surgiram os palhaços, que constituíram o ponto máximo da festa.

Sobretudo os mais novos apre-

(Continua na pág. 2)

Boas-Festas

Deseja Boas Festas do Natal e Feliz Ano Novo a todos os colegas, professores e Famílias

a Equipa do «FAROL»

A FAMÍLIA E A ESCOLA

Assegurado que é à família, célula primária de toda uma sólida estrutura social, o sagrado direito de educar os seus filhos, impõe-se-lhe o dever de esquematizar tão importante missão em moldes susceptíveis de conduzir a um processo de formação integral, única definição válida de Educação.

Assim, é necessário distinguir entre instruir e formar uma personalidade, onde a instrução ocupa lugar importantíssimo, como ginástica intelectual que é, diríamos até, como força geradora de conhecimentos novos, mas não único, porquanto à formação do carácter são imprescindíveis outros tipos de cultura-física, moral e religiosa. Sòmente da perfeita conjugação de todos estes factores poderá resultar uma autêntica pessoa humana, capaz de empreender, ao longo da vida, uma caminhada sem extravios, certa do seu rumo, cònsncia donde vem e para onde vai.

Vem esta divagação, sem quaisquer pretensões pedagógicas, a propósito da reflexão que necessariamente se impõe, no dealbar de mais um ano lectivo, a todo o encarregado de educação. Reabriram as aulas, e é altura dos jovens educandos recomeçarem a consumir as energias acumuladas ao longo das apetecidas férias. Vai iniciar-se mais uma etapa da vida escolar dos nossos filhos e subordinados; pois importa saber como, onde e de que maneira essa preciosa força físico-anímica vai ser gasta. E eis-nos, irremediavelmente, obrigados a encarar de frente o problema das relações Família-Escola.

Qual o carácter que deverão revestir tais contactos?

Terão, antes de mais, de ser colaboradores, como o serão com a Igreja, e mais, bom será que sejam amistosos e até íntimos. A accção da Família, da Escola e da Igreja não pode exercer-se em compartimentos estanques, já que elas se completam na edificação duma obra — a educação integral — que torna o homem bom cidadão, bom chefe de família e bom cristão.

Econòmicamente, poderá parecer que bastará o pai saber se as notas do filho são boas; isso, porém, é muito pouco, não passando duma preocupação quase interesseira, embora defensável. Impõe-se que a família dialogue amiudadamente com a escola a quem confiar os seus filhos, inferindo do grau dos seus conhecimentos, sim, mas assegurando-se também da sua conduta no aspecto disciplinar, com incidência especial no que eles valem em pontualidade, assiduidade, bons hábitos de ordem e asseio, boas maneiras, etc..

E, depois das aulas, o que se passa? Qual o tipo de recreio preferido? Quais os meios frequentados? Quem são as companhias predilectas? Em que assuntos se ocupam? Parecerá fastidioso, nos tempos de hoje, em que vem a autoridade paterna legítima frequentemente contestada por um pseudo-conceito de liberdade anárquica, falar destas coisas insertas nos códigos de boas maneiras coevos dos tempos em que o vestuário feminino não tinha ainda prefixos definidores da sua maior ou menor altura, e os rapazes eram másculos, bem escanhoados e penteados, sem meles, nas encobridoras de sujidades crónicas.

Mas talvez valha a pena meditar, optando por uma atitude mais positiva em relação às relações com a Escola dos nossos filhos. Ela é a grande oficina onde se modelam caracteres, bons e maus, consoante a matéria prima fornecida, quantas vezes óptima na origem, mas deteriorada pelo caminho, ou caída trágicamente no meio dos espinhos duma sociedade em crise.

Vale a pena dialogar, colaborando. A obra só poderá ser boa, se for de todos...

ALVARO DOS SANTOS LOPES



Escola Preparatória de Neutel de Abreu

ANO-LECTIVO DE 1970-71

CORPO DOCENTE

1.º Grupo:

Maria Edite Mendes Barreiros Antunes
Maria José Dinis das Neves Cancela

2.º Grupo:

Mário da Costa Armelim

4.º Grupo:

Maria Marcelina de Freitas Correia Monteiro Armelim (Directora)
Maria Cecília Dinis Teixeira

5.º — Grupo:

Maria de Lurdes Barbas Valente

Trabalhos Manuais Femininos:

Ana Mafalda Lopes de Sampaio

Trabalhos Manuais Masculinos:

Alberto de Almeida Marques Violante

Moral e Religião:

Padre Adriano Simões Santo
Padre Manuel Ventura Pinho

Educação Musical:

Adolfina Irene de Paiva Godinho e Silva

Educação Física Feminina:

Maria José da Fonseca de Frias Fernandes

Educação Física Masculina:

Luís Quaresma Ferreira Trancoso

Figueiró dos Vinhos

A Vila de Figueiró dos Vinhos é a sede do concelho do mesmo nome, situado no distrito de Leiria.

É uma vila pitoresca, interessante, cheia de recantos caprichosos e de belezas naturais.

Apesar de pequena, a vila tem belos edifícios, não só particulares, com os seus braços, mas também públicos, entre os quais se destaca a Igreja Matriz, que é considerada monumento nacional.

Há ainda um templo grandioso, chamado Convento do Carmo, mandado construir pelos religiosos de Santa Cruz de Coimbra.

Também tem uma linda vivenda que serviu de ninho ao grande Mestre Malhoa e que é conhecida por «Casulo».

Além da romaria que se faz da Senhora do Livramento, nas Bairradas, há uma grande Feira Anual, Feira de S. Pantaleão.

Há quem chame a Figueiró a «Sintra do Norte».

Luísa Baião — 2.º Ano-A

Tarde infantil

Continuado da pág. 1

ciaram imenso os palhaços; muitos só os conheciam da Televisão.

Assim terminou a nossa festa que decorreu entre risos e gargalhadas.

UM GRUPO DO 2.º-A

Comemoração do Dia 1.º de Dezembro

O dia 1 de Dezembro foi comemorado pelos alunos da Escola Preparatória desta vila.

Nessa manhã, reunimo-nos na nossa Escola e, acompanhados pelos nossos professores, fomos colocar um ramo de flores na Avenida Heróis do Ultramar. Em seguida, fomos para a Igreja, onde se celebrou uma missa em memória dos nossos soldados mortos em defesa da Pátria. Acabada a missa, voltámos novamente à Escola, onde um nosso professor fez uma palestra dedicada a este dia. Foram ditas algumas poesias por alguns alunos. Cantou-se o Hino Nacional, no final.

A tarde, realizou-se, no ringue de patinagem, um desafio de futebol entre os alunos.

FÁTIMA MIRANDA
(2.º Ano-A)

ÀS COLEGAS

A Dina, a pequenina,
Pequenina e sorradeira,
É muito brincalhona
E está na primeira carteira.

A Adília, aquela gordinha,
Está numa carteira, sòzinha,
Pois tem que assim estar
Para não incomodar a vizinha.

A Isabel, a faladora,
Está sempre a bichanar.
É uma boa palradora
Dá p'ra futebol relatar.

LÍLIA
(2.º Ano-A)

ECOS do 1.º de Dezembro 1970

9 horas — Romagem ao Monumento da Avenida Heróis do Ultramar, ali sendo deposto um ramo de flores por um dos nossos colegas.

9 h. e 30 m. — Missa, no Convento do Carmo, em memória dos militares mortos ao serviço da Pátria. Celebrou-a o Rev.º Adriano Simões Santo.

10 h. e 30 m. — Sessão solene, no Ginásio da Escola, presidida pelo Presidente da Câmara local. Falaram a Directora da Escola, o Prof. Violante («A Juventude é o Ultramar») e, no fim, o Senhor Presidente do Município.

15 horas — Entusiástico torneio de futebol de cinco, no ringue de patinagem. Venceu a equipa da Escola Preparatória.

O Dia da «Árvore»

O «Dia da Árvore» foi comemorado nesta Vila, na nossa Escola Preparatória de Neutel de Abreu, em estreita colaboração com a Escola Secundária Municipal, no edifício da qual nos encontramos instalados, provisoriamente.

No dia 10, pelas 14 horas, os respectivos alunos procederam à plantação simbólica de algumas espécies, em frente do edifício da Escola.

Essas espécies foram oferecidas pela Câmara Municipal que, muito gentilmente, pôs à nossa disposição o «Viveiro Municipal».

Presentes à cerimónia, simples mas significativa, todo o Corpo Docente e todos os alunos.

Antes da plantação simbólica, o Prof. Mário da Costa Armelino dirigiu-se aos alunos e, em breves palavras, refe-

riu-se ao alto significado do «Dia da Árvore» e leu-lhes o trecho em prosa que consta no cartaz editado pela Direcção-Geral e que nos foi enviado.

Pelas 15 horas, realizou-se uma visita de estudo à Serração «Freitas Lopes, Lda.».

Visita muito interessante e proveitosa e que constituiu novidade para alguns.

Pouco depois, dirigimo-nos à famosa «Quinta dos Paivas», onde todos — alunos e professores — tiveram a oportunidade de contactar com as variadíssimas espécies vegetais ali existentes, algumas das quais bastante belas e raras.

E assim terminaram as nossas Comemorações, com muita simplicidade, mas, sobretudo, com muito interesse.

O PINHEIRO

O pinheiro, essa árvore maravilhosa que nos rodeia, começa por um pequeno galho quase à superfície do solo e acaba, parecendo um grande pilar, segurando o céu.

As utilidades do pinheiro são variadíssimas. Pode aquele pinheiro gigante e soberano morrer numa fogueira ou ser transformado em madeira, que por sua vez servirá para o fabrico dos mais variados utensílios.

Por vezes o pinheiro é plantado em regiões arenosas com a finalidade de proteger a agricultura, evitando que as areias destruam as culturas. O pinhal de Leiria, mandado plantar por D. Dinis, teve precisamente este objectivo.

MARIA MARGARIDA

O DIA DA ÁRVORE

No dia 10 de Dezembro celebrámos o dia da árvore. O sr. Dr. Mário Amelino proferiu uma pequena mas profunda palestra sobre a árvore. Pelas 3 horas plantámos algumas árvores junto do edifício da Escola Secundária. Um dia talvez possamos olhar para estas árvores e recordar a nossa infância. Fizemos, depois, uma visita à fábrica de serração desta vila, onde pudemos relembrar as imensas utilidades da árvore. Visitámos seguidamente a Quinta dos Paivas e apreciamos as belezas naturais que esta nos oferece.

Sem dúvida que a árvore constitui uma das maiores riquezas do nosso País.

UMA ALUNA DO 1.º-B



COMO CELEBRAR DIGNAMENTE O NATAL DE JESUS?

Fez-se a pergunta e alguns alunos responderam com espontaneidade e espírito.

Eis o que nos disseram 4 moços do primeiro ano.

— Natal é quando se celebra o nascimento de Cristo e quando nos lembramos mais dos pobres. Quando estou na missa começo a lembrar-me dos pobres.

(Fernando Manuel Domingues da Silva, 1.º Ano — T. B)

— Nesse dia devemos ir à missa do galo com muita fé. Eu já fiz o meu presépio. Alguns homens são cristãos mas não celebram bem o Natal nem fazem caso.

(Paulo Luis Costa, 1.º Ano — T. B)

— O Natal é o nascimento de Jesus. No Natal devemos ajudar os pobres e os homens não devem fazer guerra nem raptos. No Natal, na minha terra, faz-se o presépio na igreja e beijamos o Menino Jesus.

(Emanuel, 1.º Ano — T. B)

— O Natal de Jesus devia ser celebrado em conjunto. Nesse dia os homens deviam unir-se para orar a Deus, para que a paz entrasse novamente no Mundo. Cada terra, cada cidade, vila ou aldeia se devia lembrar dos seus pobres. Depois ir à missa do galo porque Jesus está lá, no Sacrário, a ouvir as nossas orações. Devemos pedir-lhe para que acabe as guerras, para que o sofrimento diminua na terra e para que as nações vivam sempre unidas e se extingam os ódios e o mau entendimento entre os homens. A partir dessa hora, desse santo dia, podíamos viver em conjunto, em união, amigos uns dos outros.

(Fernando Manuel David dos Santos Lopes, 1.º Ano — T. B)

A NOSSA TERRA

Figueiró dos Vinhos fica numa região onde existe uma vegetação abundante. Sobretudo grandes pinhais rodeiam esta vila muito antiga, fundada por D. Sancho II. Possui ainda alguns vestígios desse tempo: A torre da cadeia e o Convento do Carmo.

Além de ser uma terra rica em belezas naturais, orgulha-se também de ter homens ilustres: O Major Nentel de Abreu e o pintor José Malhoa são figuras recordadas com admiração por todo o povo de Figueiró dos Vinhos.

Muito perto passa o rio Zêzere que permitiu a construção de três barragens: a da Bouça, a do Cabril e a do Castelo do Bode.

Figueiró dos Vinhos possui ainda alguns pontos pitorescos tais como o Cabeço do Peão e as fragas de S. Simão, muito apreciados pelos turistas que nos visitam.

Dina e Manuela Mendes

(2.º-A)

INSTANTÂNEO...

ENCONTRO COM UMA CRIANÇA

Foi ao declinar duma tarde fria.

Saí de casa, a dar alívio e remédio espiritual a um doente. Na falda da serra, numa encruzilhada do caminho, surgiu-me um garoto de palmo e meio, aí dos seus dez anos.

Éramos já conhecidos. O miúdo de calção e olhar vivo de azeviche logo se dispôs a acompanhar-me e a indicar o caminho.

— «Vamos! É logo ali em cima!»

Na estrada estreita e pedregosa, ladeada de ramagens de árvores frondosas e de silvedos da terra úbera, a solidão é quebrada pela minha conversa com o moço.

O miúdo traz com muita vivacidade ao de cima o que lhe anda no coração. Diz... e diz bem, lá o filho da aldeia quase deserta!

— «Pois quero ver se faço exame. Depois... Depois hei-de ver se saio daqui para fora...».

— Queres ir para África?

— «Ah! Isso não! quero ver se vou para o Brasil... Ná! Com os pretos não quero nada... Andam sempre à pancada com os brancos! Que ele agora a guerra é já em todo o lado! Tenho lá em casa um rádio que dá guerras todos os dias... Que eu, afinal, nem sei para quê!...»

A conversa alongou-se, em simples banalidades.

Afastei-me depois do garoto que foi bom companheiro — um companheiro afável, prestável, simpático.

Em mim, porém, ficaram bem gravadas duas afirmações do pequeno.

«Hei-de ver se saio daqui para fora!» — um desejo de evasão, o ideal triunfante da aventura que nos anda no sangue desde os tempos de antanho, a aspiração bem legítima duma subida do nível de vida.

De qualquer modo temos que compreender e aceitar. Somente uma pergunta: — serão os nossos jovens devidamente preparados para enfrentar o ambiente novo, cheio de perigos, nos aspectos moral e espiritual que os espera lá fora?

«O meu rádio todos os dias dá guerras...»

Almas em flor, como a deste miúdo, vão desabrochando num clima de lutas fratricidas e de sobressalto. Não é este um clima de mal-estar, a deformar estes caracteres em formação?

Como compreenderão e viverão eles o Amor se só quase ouvem falar de guerra?

PADRE ADRIANO

O Nome de Figueiró segundo uma lenda Adivinha

Por detrás dum muro branco
Há uma flor amarela
Que se come ou que se bebe
Conforme gostaram dela.
O que é?

MANUELA ALVES
(2.º Ano-A)

Foi em tempos muito remotos em que os mouros dominavam a Península Ibérica. Tomaram muitas terras, entre elas Figueiró. Aqui roubaram 6 donzeias. Toda a vila andava alarmada com este facto.

Havia na terra um rapaz muito destemido e aventureiro que sabendo do caso se armoou de uma espada e partiu ao encontro dos raptos. Foi encontrá-los no Bom Jesus da Sobreira. Aí se travou luta entre o rapaz, que se chamava Figueiredo, e os Infiéis. A certa altura, a espada do rapaz quebrou-se, mas logo partiu um ramo de figueira e com ele tanto bateu nos Mouros que os fez fugir, deixando as raparigas. Figueiredo trouxe as raparigas e entregou-as às respectivas famílias.

Pensa-se, então, que foi a partir deste episódio e também por existirem muitas figueiras e vinhas que a terra se passou a chamar Figueiró dos Vinhos.

(1.º-B)

Anekdotes

— Quando devo voltar à consulta, sr. Doutor?

— Quando tiver outros 100 escudos.

★

Um lavrador foi à cidade e quis telefonar à esposa.

Foi ao correio e disse à empregada:

— Quero falar à minha mulher.

A menina do telefone respondeu:

— Diga-me o número, se faz favor.

O lavrador zangado diz:
— Mas quantas mulheres julga você que eu tenho?

★

Um homem de 60 anos foi condenado a 20 anos de prisão. Procurou o juiz e disse-lhe:

— Obrigado, senhor juiz. Eu não esperava viver tanto tempo!

(2.º-A)

MARIA CRISTINA

(1.º-A)

Pensamentos

• As horas que o relógio dá, são as horas que nos tira.

• A arrelia do homem quando tem um furo num pneu do carro, é igual à da mulher, quando lhe foge uma malha da meia.

A Juventude e o Ultramar

Neste mundo de desrespeito por compromissos e tratados, de desajuste vergonhoso entre o que se apregoa e o que se faz, Portugal singra dolorosamente, mostrando que o patriotismo do seu povo foi sempre honesto e leal, pois que, por muito amar o que é seu, não deixou de compreender e respeitar o amor de outras raças, à sua Pátria.

Portugal de aquém e Além-Mar é nosso.

Este grito de alma saiu de portugueses como nós, há 330 anos, para pôr fim à época mais tenebrosa e odienta da nossa história. Foi este grito de patriotismo que electrizou D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, D. António Telo, D. Rodrigo da Cunha, Francisco de Melo, Jorge de Melo, Pero Mendonça, João Pinto Ribeiro e todos os conjurados e que tornou possível afastar o domínio castelhano a que estávamos sujeitos havia já 60 anos. Restaurámos a Independência. Dia glorioso e inesquecível este para todos os bons portugueses, em que o tirano foi castigado, o jugo sacudido, acabados os vexames e a Pátria libertada.

Como então, Portugal atravessa nova hora de vigília, de agruras, de tristezas. O Ultramar é hoje, o grito vibrante das virtudes pátrias, nesta hora em que a agressão armada e a calúnia de um julgamento injusto nos querem roubar o amor e o patriotismo de homens e mulheres, que apesar de outra cor de pele, têm o mesmo sangue e o mesmo querer.

Nessas terras longínquas na distância, mas perto do coração de todos os verdadeiros portugueses, luta-se.

Portugal de hoje, mostra ao mundo que os seus jovens são tão valentes como os de outrora.

Se houve uma Filipa de Vilhena que armou pelas próprias mãos os filhos cavaleiros, sabendo que os ia entregar a uma possível morte, agora há centenas de mães, irmãos e noivas que se desprendem dos entes queridos rezando e encorajando-os a bem cumprirem os seus deveres para um Portugal melhor.

Se houve homens como os 40 conjurados que chefiaram a Restauração da Independência, agora há milhares de jovens brancos e negros lutando ombro a ombro, derramando o seu sangue em defesa do solo pátrio.

Se outrora houve heróis, agora também os há.

Na província de Timor, D. Aleixo Corte Real, chefe indígena, lutou contra os japoneses até ao limite das forças de todos os seus homens, embora soubesse que teria paz se se deixasse submeter. Por fim, já completamente derrotado, atirou-se aos inimigos, numa luta desigual, aos gritos de «Viva Portugal».

Mais recentemente, em 1954, na Índia Portuguesa, Aniceto do Rosário natural de Diu, comandava um posto de polícia, quando na noite de 21 de Julho, juntamente com os seus 8 homens, se viu atacado por uma chusma de assassinos vindos do país vizinho, — a União Indiana. Todos resistiram. Aniceto, mesmo depois de gravemente ferido, continuou a incitar os companheiros à luta, até que, as armas assassinas lhe acabaram com o último sopro de vida.

Mas não serão menos dignos de enfileirar ao lado destes, todos aqueles que, cobertos de glória, têm fertilizado com o seu sangue as terras do Ultramar, em defesa de um Portugal uno, indivisível e livre.

Não queiramos nós desmerecer o sacrifício destas e doutras vidas que se têm perdido em defesa da integridade nacional, pois que, verdadeiramente mortos, serão aqueles que os não secundarem na recatuarda, com o cumprimento exacto do dever de cada dia.

É hora de vigília para todos os membros da família portuguesa.

É vigília pressupõe uma atitude de alerta perante todo o perigo de diminuição, uma vontade atenta a tudo o que valorize, uma consciência desperta a tudo o que se tente infiltrar. E se assim vigiarmos este mundo doído, em que se corrompem as vidas e se vende em leilão a paz das consciências, em que se explora o mais fraco

ou o mais confiante, em que se rouba o próximo, em que se não respeitam as necessidades e direitos dos outros, porque a vaidade exige o que se não pode ter, Portugal será um cantinho do céu por todas as partes do mundo reparado.

Jovens, sabemos que cresceis hoje mais rapidamente do que outrora, graças ao progresso da técnica e da ciência. Mas não vos esqueçais que o rápido crescimento deve ser acompanhado por igualmente veloz tomada de consciência para uma verdadeira educação de liberdade. Alguns de vós mesmos, que desde novos vos vedes desligados da autoridade paterna e dos costumes tradicionais, entráis em ambientes em que a insegurança natural da vossa idade procura apoio. E, quantas vezes, vos agarrais a forças anónimas e escravizantes que vos impõem de fora uma maneira de vestir, de sentir, de viver, indicada como a mais rápida para atingir a liberdade.

Que liberdade conseguireis assim? Que mundo construireis?

Felizmente que ao lado dessa juventude, desorientada e inconsciente, há outra que rejeitando a imobilidade do pensamento, a falsa cortesia, a sociedade fechada e podre, querem edificar um mundo activo, pleno de progresso, mais verdadeiro e mais humano que seja capaz de responder às necessidades e aos anseios dos nossos dias.

É desta juventude consciente e que deseja atingir a perfeição que saem heróis, e, felizmente, temos tido milhares deles ultimamente.

Está de parabéns a juventude, e assim, poderão tentar despojar-nos de parcelas de terra, que são nossas, mas mesmo que o consigam nunca poderão arrancar a heróica e o amor a Portugal do coração dos seus filhos.

Prof. Alberto de Almeida
Marques Violante

(Na sua palestra no 1.º de Dezembro de 1970)

Quadras às colegas

I

A Lília Vicente
Em Figueiró residente,
É uma boa menina
Mas um pouco impertinente!

II

A Odete Morgado
É muito sossegada
Mas no tempo de aulas
Parece que não faz nada.

III

A Adília Telhada
Sempre muito gorduchinha,
Se algum dia escorrega e cai
Fica logo engomadinha!

IV

E agora cá está a Dina
Com as suas garotices
Sempre muito pequenina
Não costuma dizer tolices.

V

A Céu Curado
Sempre muito estudiosa
Tira sempre boas notas,
Porque é muito atenciosa!

Lúcia Baião
Teresa Leitão
Maria dos Anjos
Isabel Mota
(2.º Ano-A)



Entrevista com um operário de serração

Fomos de passeio à serração Freitas Lopes, desta vila. Ali nós dirigimos a um operário a quem fizemos a seguinte entrevista:

- Como se chama?
- Américo da Conceição Rosa.
- Quantos anos tem?
- Tenho 24 anos.
- Há quantos anos trabalha nesta fábrica?
- Trabalho aqui há 2 meses.
- Qual é o seu trabalho?
- Dou lenha para ser cortada numa máquina.

— Por que é que escolheu esta profissão?

— Eu propriamente não escolhi, mas gosto bastante deste ofício.

— Gostaria de escolher esta profissão para os seus filhos?

— Gostaria que frequentassem a Escola Preparatória como as outras crianças para poderem escolher outra profissão.

Maria Fernanda Santanta
e Maria Amélia Alves
(1.º-A)

Comemorações do Dia 1.º de Dezembro

O C. A. C. E. da nossa Escola levou a efeito, nesta vila, várias cerimónias comemorativas do 1.º de Dezembro.

Pelas 8 horas e 30 minutos, os alunos e professores da Escola desfilaram até à Avenida Heróis do Ultramar, onde depuseram uma coroa de flores junto à placa em memória dos militares mortos em combate, no nosso Ultramar.

Após um minuto de silêncio, dirigimo-nos para a Igreja do Convento do Carmo, onde ouvimos missa por intenção dos jovens, mortos em defesa do sagrado território nacional.

Foi celebrante um dos nossos professores de Moral e Religião, o Rev.º P.º Adriano Simões Santo, que, à homilia, se referiu ao significado patriótico das comemorações.

A direcção dos cânticos esteve a cargo do Rev.º P.º Manuel Ventura Pinho, também nosso professor.

Na guarda de honra ao altar esteve uma formação de filiados da M. P. do nosso Centro.

Encontravam-se presentes, além dos professores e alunos da E. Preparatória, muitas pessoas e familiares de jovens mortos em combate.

Fim da cerimónia religiosa, dirigimo-nos para o Ginásio onde, pelas 10 horas e 30 minutos, se realizou uma sessão solene.

Presidiu o Senhor Presidente da Câmara Municipal, Ex.º Sr. Dr. Henrique de Lacerda.

Abriu a sessão a nossa Directora que se referiu ao significado do 1.º de Dezembro e agradeceu a presença das autoridades, convidados, encarregados de educação e alunos.

Seguiu-se a palestra sobre «A Juventude e o Ultramar», a cargo do Sr. Prof. Alberto Violante, que, no final, foi muito aplaudido.

Ouviram-se, ainda, vários recitativos que foram muito apreciados. Fechou a sessão o Sr. Presidente da Câmara, com vibrantes palavras de exaltação patriótica, dirigidas a toda a Juventude.

À tarde, cerca das 15 horas, realizou-se um entusiástico torneio de futebol de cinco entre equipas da nossa Escola e da Escola Secundária, no ringue de patinagem.

Houve muito entusiasmo, muita correcção e sã camaradagem.

Resultados:

Vitória da equipa da Escola Preparatória sobre a Equipa B do 3.º ano da E. S. M.

Vitória da Equipa A da E. S. M. sobre Equipa do 4.º ano da mesma Escola.

Foram entregues aos capitães das equipas vencedoras, duas artísticas taças, perante as aclamações da juvenil assistência.